

**BERNARDO CARVALHO, “INTELECTUAL DE PLANTÃO”:
REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM INTELECTUAL DO ESCRITOR
CONTEMPORÂNEO NA MÍDIA**

Paula Alves das Chagas
Mestrado/UFF
Orientadora: Lucia Helena

Qual o resenhista que nunca se sentiu ridículo e obsoleto ao falar de literatura numa mídia direcionada para um público cada vez maior e mais indiferenciado, mais interessado na vida dos autores do que nas obras? Quem quer saber de literatura num mundo impaciente onde, graças a uma massificação avassaladora da cultura, tudo tem que ter um atrativo publicitário, uma função (um lugar no mercado, por exemplo, um resultado financeiro), uma explicação ou uma utilidade? (CARVALHO, 2005: 194)

A literatura brasileira vive um momento de grande exposição da figura do autor, das opiniões que emite sobre sua própria obra e sobre o panorama literário atual. Lançando mão de todas as facilidades proporcionadas pelo desenvolvimento frequente da tecnologia nos meios de comunicação de massa, autores e editoras promovem seus livros através de entrevistas, vídeos e *blogs*, que podem ser acessados em rápidas pesquisas na *web*. A voz do autor tem ganhado cada vez mais destaque nesse cenário, o que, por vezes, pode levar o leitor ao equívoco de buscar sentidos para a obra literária nos acontecimentos reais da vida de seu escritor. Tal fenômeno nos remete ao modelo de crítica literária francesa questionado por Roland Barthes em seu conhecido ensaio “A morte do autor”, no qual afirma que “a explicação da obra é sempre buscada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, a entregar a sua ‘confidência’” (BARTHES, 1988: 66).

Se, por um lado, boa parte do público tende a confundir biografia e ficção, por outro, muitos autores manifestam abertamente sua recusa a este tipo de leitura. É o caso de Michel Laub e Bernardo Carvalho, cujas obras costumam ser apontadas por alguns leitores e críticos como autobiográficas. Para Laub, o leitor atento perceberá que seus

romances se contradizem, mesmo quando narram fatos semelhantes, pois seu texto manipula a memória. Carvalho costuma se referir aos pontos de contato entre sua vida e obra usando as palavras manipulação, jogo e armadilha, o que se contrapõe a qualquer leitura feita pelo viés autobiográfico. Tamanho é seu descontentamento, que chegou a questionar abertamente uma leitura crítica de dois de seus romances mais conhecidos, *Nove noites* e *Mongólia*. No Paiol Literário de 2007, o autor declarou:

Outra professora universitária escreveu um ensaio longuíssimo sobre "Nove Noites" e "Mongólia", dizendo que em ambos o personagem era um gay enrustido. E como os romances eram autobiográficos, só podia ser eu o gay enrustido. (*apud.* CHAVES, 2009: 1)

As obras de Bernardo Carvalho têm ganhado destaque entre o grande público e também no meio acadêmico, sobretudo após a publicação de *Nove noites*, romance que retoma personagens e eventos reais sem minimizar o caráter ficcional do texto. O escritor se tornou uma personalidade em nosso meio literário, sendo reconhecido tanto por seu trabalho como ficcionista quanto pelas opiniões expressas em seus textos não-ficcionais, publicados ao longo de anos na *Folha de São Paulo* e reunidos no livro *O mundo fora dos eixos*. Tanto nesses textos, quanto nas entrevistas concedidas pelo autor, pode-se notar a recorrência de determinados temas, como a relação entre literatura e mercado na atualidade e a banalidade da escrita, segundo ele provocada pelo uso frequente da internet. A postura do autor diante dessas questões tem levado estudiosos como Beatriz Resende a considerá-lo um defensor da literatura de ficção. Mas as estratégias utilizadas para inserção e permanência de suas obras no mercado têm gerado polêmica entre alguns críticos, o que provocou a escrita de trabalhos acadêmicos como o de Ana Lígia Matos de Almeida¹, preocupados em estudar as contradições entre a obra ficcional de Bernardo Carvalho e o discurso do autor sobre sua própria escrita.

Fato é que esta controvérsia conferiu notoriedade ao autor e à sua obra, abrindo cada vez mais espaço para seu discurso na mídia. A coluna que Bernardo Carvalho mantinha na *Folha de São Paulo* se tornou um livro crítico, no qual o escritor manifesta seu descontentamento com o atual mercado literário que, segundo ele, sobrepõe o lucro ao prazer estético que a arte pode provocar. Carvalho critica as facilidades oferecidas pela *web*, apontando nela um problema que se tornou motivo de grande preocupação para o autor: a banalidade da escrita. De fato, a *internet* é apresentada como um meio democrático, no qual todo artista aspirante pode promover seu trabalho através das

muitas redes sociais de amplo alcance, de *blogs* e de sites específicos para postagem de vídeos amadores. Mas, ao mesmo tempo que esta tecnologia abre uma porta para novos autores que, por qualquer motivo, não teriam acesso ao mercado, ela também permite que qualquer um divulgue seu trabalho e suas opiniões sem um “filtro”. O acesso à informação nunca foi tão rápido e tão inseguro como agora. Breves pesquisas *online* podem revelar centenas de textos em segundos, mas se as fontes não forem cuidadosamente checadas, e se não houver uma reflexão sobre a informação recebida, o leitor corre o risco de se tornar um mero reprodutor de idéias, como o estudante de chinês do romance *Reprodução* (2013).

A atuação do escritor “multitarefa” como um divulgador de sua obra é reflexo das tendências mercadológicas apontadas por Zygmunt Bauman em sua obra, sobretudo em *A cultura no mundo líquido moderno* (2011). Neste livro, o pensador discute os processos de criação, distribuição e recepção do “produto” cultural na modernidade líquida. Bauman vê na sociedade de consumo um crescente domínio da lógica da moda sobre a cultura, o que coopera com a perda de individualidade do sujeito e com a frequente rotatividade do “produto cultural” no mercado. Conforme Bauman, a sociedade de consumo

afasta todos os rígidos padrões e exigências, aceita todos os gostos com imparcialidade e sem uma preferência unívoca, com ‘flexibilidade’ de predileções (termo politicamente correto com que hoje se designa a falta de coragem), com impermanência e inconsequência de escolha. (BAUMAN, 2011: 18)

Para progredir num mercado flexível e rotativo, criadores culturais e administradores de cultura se aliam na divulgação da arte, muitas vezes atribuindo a ela a “funcionalidade” ou “utilidade” necessárias para seduzir o consumidor. Ainda citando Bauman, a linha tênue que separa a arte bem-sucedida da malsucedida “é traçada tendo como referência as estatísticas de venda, a frequência e o lucro das exposições” (*Ibidem*: 103). Diante deste panorama, seu principal questionamento diz respeito à possibilidade de sobrevivência da cultura, uma vez transformada em mero produto a serviço de um mercado volátil. Bauman indaga: “Mas será que a cultura pode sobreviver à desvalorização do ser e ao declínio da eternidade, possivelmente os tipos mais dolorosos de consumo?”. Silviano Santiago e Lucia Helena parecem encaminhar sua reflexão para esta mesma linha de pensamento ao priorizarem a importância do debate intelectual e

seu visível empobrecimento na chamada modernidade líquida. Em *Ficções do desassossego*, Helena indaga se o intelectual “ainda tem função no contexto da banalidade do mal associada à manipulação exacerbada da opinião” e, em seguida, afirma: “Se nós pensarmos em fama e na capacidade de formar opinião, o que vemos é a transformação do papel do intelectual em ações de marketing” (HELENA, 2010: 80). Tais considerações nos levam a questionar o lugar que determinados escritores têm ocupado no mercado, bem como o crescente reconhecimento de jovens escritores e figuras midiáticas como intelectuais. Daí o questionamento de Lucia Helena: “Seriam intelectuais as figuras públicas, algumas das quais de altíssima responsabilidade no país?” (*Idem*).

Segundo Santiago, este problema é visível na progressiva redução do espaço destinado ao debate literário nos principais jornais impressos do país. O autor observa que a literatura e a crítica foram deslocadas para o pequeno espaço do suplemento literário. Por ser mais acessível ao leitor amador, o texto do suplemento se distancia da crítica, reservada ao meio acadêmico. Uma vez inserida no roll das variedades, a literatura “passa a se confundir com a figura singular do escritor”, que assume o papel de “dublê de intelectual”. Poucas são as exceções diante da escassez de discussão crítica e reflexão sobre o literário num espaço cada vez mais voltado para a promoção do livro como produto e para o breve consumo da figura do autor. No ensaio “Uma literatura anfíbia”, Silviano Santiago afirma que o escritor contemporâneo é “multitarefa” e acaba assumindo a posição de “intelectual de plantão”, transformando o livro no “*móvel* da entrevista midiática”, e não em seu “*fim*” (SANTIAGO, 2004: 64). Dessa forma, a entrevista atua como instrumento de popularização da figura do autor, que assume a imagem de intelectual. De acordo com Santiago, “a entrevista serve muitas vezes ao escritor de trampolim para discussões públicas sobre idéias *implícitas* na obra literária” (*Ibidem*: 65). Nesse jogo midiático, o livro é preterido diante da imagem do intelectual, consumida avidamente pelo público e pela mídia.

Em *Reprodução*, romance publicado em setembro de 2013, Bernardo Carvalho faz uma reflexão irônica sobre a crise dos afetos e da subjetividade numa sociedade dominada pela cibercultura. Retido no salão de embarque do aeroporto quando tentava viajar para a China, o estudante de chinês, cujo nome próprio não é revelado ao longo do texto, é interrogado pela autoridade competente e passa a despejar sobre ele um discurso paranoico sobre a invasão dos chineses. De acordo com sua teoria, os chineses

vão dominar o restante do mundo num futuro não muito distante, o que o motivou a estudar esta língua. No diálogo, do qual o leitor só tem acesso às falas do protagonista, o estudante revela seu caráter contraditório: se diz bem informado, mas só repete ideias prontas; não admite o preconceito que tem contra diferentes etnias, religiões e orientações sexuais. Em determinado momento do diálogo, o rapaz chega a perguntar se seu passaporte será retido porque seu nome parece árabe e, em seguida, nega a atitude preconceituosa, afirmando: “Não, já disse que não sou racista, nem jihadista. Racista entra em sinagoga, templo hindu e mesquita, atirando em nome de Deus. Sou brasileiro.” (CARVALHO, 2013: 29). Ao mesmo tempo em que manifesta sua intolerância em relação às diferenças, o personagem nega sua atitude porque teme a prisão. Enquanto tenta explicar seu grau de proximidade com a professora de chinês, acusada de tráfico de drogas, o estudante reproduz uma série de conceitos e frases prontas absorvidos de leituras breves, sem a mínima reflexão crítica. O domínio da internet sobre o discurso do personagem é marcado pelas referências constantes a termos próprios da vida *online*, como as *hashtags* “curti”, “copiei” e “pronto falei”, típicas de redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*. Além disso, em vários momentos o personagem pergunta se o policial que o interroga possui rede *wi-fi* no trabalho para acessar as fontes de informação que ele costuma buscar. Para o estudante de chinês, informação é sinônimo de poder. É seu único argumento diante das questões levantadas pelo policial:

“Não sabia? Pois leia. Na rede.” (*Ibidem*: 31)

Não só revista semanal. Jornal também. Leio blog. Acompanho. Sei do que estou falando. Leio os colunistas. É! Colunistas de jornal, sim, senhor. Colunistas, articulistas, cronistas. Revista, jornal, blog. Gente preparada, que fala com propriedade, porque sabe o que está dizendo. (*Ibidem*: 38)

Acha que não acompanho os colunistas? Acha que não sei dos políticos? E da polícia? (*Ibidem*: 41)

O personagem se deixa enganar pelas armadilhas do discurso que reproduz. Desta forma, o autor critica o empobrecimento do debate intelectual no mundo líquido moderno, no qual qualquer indivíduo pode desempenhar uma imagem intelectual através da escrita em *blogs* e redes sociais. Essa tendência à reprodução impede que ocorra de fato um debate, o que é representado, no romance, pelo “diálogo de surdos”

entre o estudante de chinês e o policial. Pode-se afirmar que o estudante de chinês representa a crise dos afetos vivida pelo indivíduo pós-moderno, que “vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desensibiliza em relação tanto a si mesmo quanto aos outros” (BORDINI, 2007: 54).

Na segunda parte do romance, o estudante de chinês ouve uma conversa (ou o que imagina ser uma conversa) entre o policial e uma delegada que trabalhava em operações secretas infiltrada numa igreja evangélica. Pelo pouco que consegue ouvir através das finas paredes da sala de interrogatórios, o estudante junta as peças desse possível diálogo, criando uma cena que, pelo contexto, pode ter sido apenas imaginada por ele. A delegada representa uma outra forma de repetição de idéias: “Ainda está se perguntando o que eu vou fazer na igreja se não acredito em nada? É porque não leu o relatório. Se tivesse lido, sabia que vou lá repetir, reproduzir” (CARVALHO, 2013: 71). Assim como o estudante, esta personagem sente necessidade de se integrar a um grupo, ainda que, para isso, precise reproduzir conceitos e teorias nos quais não acredita ou sobre os quais não refletiu adequadamente. Se, por um lado, a delegada se sente acolhida no ambiente religioso, o estudante precisa manifestar pela escrita aquilo que acredita ser sua opinião:

Vou escrever. Eu sempre escrevo para a seção de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook. Tenho muita opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Não quer? Tudo bem, não quer, não precisa anotar. Tenho milhares de amigos e seguidores. Mais um, menos um, pra mim tanto faz. Mas vou dar minha opinião assim mesmo. É meu direito de cidadão. Estamos numa democracia. Ou não estamos? (CARVALHO, 2007: 33)

Considerado por alguns críticos como um livro atípico no conjunto da obra de seu escritor, *Reprodução* discute o problema da banalidade da escrita na sociedade de consumo, destacando a crise do debate e da informação. Nesta leitura, buscamos compreender como a postura crítica deste autor sobre a chamada “literatura de mercado” deixa entrever uma proposta literária, a defesa da arte como exceção, que caracteriza sua obra como um todo. Tal premissa ganha novas perspectivas se confrontada com seu perfil enquanto escritor: embora questione o tratamento que o mercado tem dado à literatura, Carvalho se vale das demandas do mercado para financiar e promover seus projetos. Talvez não seja equívoco dizer que o trabalho deste

escritor é exemplo de como a arte pode se beneficiar do mercado sem se tornar apenas um produto destinado ao breve consumo e ao desperdício.

Bernardo Carvalho, como muitos escritores de sua geração, tem alcançado o *status* de intelectual. O autor se tornou uma figura pública com um discurso consistente e de ampla circulação. É através deste discurso que promove sua imagem intelectual, bem como sua obra literária, acumulando as funções de criador cultural e administrador de cultura numa sociedade voltada para o breve consumo e para a rotatividade do produto que se pretende vender. Mas, neste caso específico, a reflexão produzida pelo escritor parece se aliar a sua escrita literária no descontentamento com o tratamento da literatura como mero produto na sociedade de consumo. Apesar de todos os jogos e armadilhas que alega construir para tornar mais complexo o trabalho do leitor no processo de construção de sentidos do texto ficcional, o romancista dá a dica ao afirmar que seu texto exige um leitor atento, participativo, que atue como co-autor da obra. A ficção de Bernardo Carvalho não abre espaço para leitores como o estudante de chinês de *Reprodução*, que, em vez de refletir e desenvolver um pensamento sobre aquilo que lê, apenas absorve e reproduz informações e opiniões fortes. Como bem afirmou Beatriz Resende, para ler um romance de Carvalho, o leitor precisa entrar no jogo da ficção, preparado para caminhar no terreno sinuoso de uma terra onde verdade e mentira perderam há muito seus sentidos usuais.

Referências

ALMEIDA, Ana Lígia Matos de. *Não sou Machado de Assis: narrativas de Bernardo Carvalho*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. UFRJ, 2008.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Da frigideira ao fogo, ou as artes entre a administração e o mercado. In: _____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad.: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. A cultura da oferta. In: *Capitalismo parasitário*. E outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CHAVES. Teresa. Estilo de Bernardo Carvalho passeia entre cinismo e coragem. Colaboração para *Folha Online*. 29/6/2009. Disponível na internet via:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587494.shtml>. Último acesso em julho de 2013.

CARVALHO, Bernardo. A trama traiçoeira de *Nove noites*. Entrevista concedida a Flávio Moura. *Revista Trópico*. São Paulo, 19/02/2003.

_____. Bernardo Carvalho e a literatura como antídoto da banalidade. Entrevista concedida a Marco Sanchez. *Deutsche Welle*. Agosto de 2011. Disponível na internet via: <http://www.dw.de/bernardo-carvalho-e-a-literatura-como-antidoto-da-banalidade/a-15352025>. Último acesso em junho de 2013.

_____. “Você acha que usa a internet, mas está sendo usado por ela”, diz Bernardo Carvalho. Entrevista concedida a Raquel Cozer. *Folha Online*. 21/09/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1344976-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela-diz-bernardo-de-carvalho.shtml>

_____. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Nove noites*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

_____. *O mundo fora dos eixos: crônicas, resenhas e ficções*. São Paulo: PubliFolha, 2005.

_____. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COZER, Raquel. Tendência de autoficção se confunde com fase de superexposição de escritores. In: Ilustrada, *Folha Online*. 7/12/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1381961-tendencia-de-autoficcao-coincide-com-fase-de-superexposicao-de-escritores.shtml>

HELENA, Lucia. *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

VIEIRA, Yara Frateschi. Refração e iluminação em Bernardo Carvalho. *Novos Estudos*, nº 70, novembro de 2004, pp. 195-206.

ⁱ Refiro-me à tese de doutoramento “*Não sou Machado de Assis*”: narrativas de Bernardo Carvalho, defendida na UFRJ em agosto de 2008.